

## A estrutura narrativa de *Das Echolot*, de Walter Kempowski, relacionada à memória coletiva.

Mestrando Claire Parot de Sousa<sup>1</sup> (USP)

### Resumo:

*A extensa obra Das Echolot (O ecobatímetro), de Walter Kempowski, obteve um grande sucesso de vendas no lançamento de seus primeiros volumes, em 1993, fato que resultou na publicação de mais seis volumes do mesmo projeto. A inovadora composição narrativa provavelmente contribuiu para tal êxito: são colagens de textos individuais autênticos sobre a Segunda Guerra Mundial, formando um diário coletivo com diversas perspectivas sobre um mesmo período histórico. Não há um narrador que una os textos ou comente-os, cabendo ao leitor interpretar a junção e o valor dos testemunhos. O presente trabalho procura relacionar a estrutura narrativa de Das Echolot e a mudança de representação literária da Segunda Guerra Mundial. Considera-se uma nova perspectiva atual da guerra, decorrente da memória coletiva do grupo social sobre um acontecimento passado, da qual a literatura incorpora elementos. A época e o local em que a obra literária é escrita refletem valores do grupo no presente, mas ainda com influências de experiências passadas formadoras da memória coletiva, que é mutável, pois retém do passado o que ainda vive na consciência do grupo.*

**Palavras-chave:** Walter Kempowski, memória coletiva, diário coletivo, *Das Echolot*, estrutura narrativa.

### Introdução

A representação literária da Segunda Guerra Mundial é formada por um grande número de obras ficcionais, (auto) biografias, textos com tendências documentais, cada qual com sua perspectiva. No entanto, em *Das Echolot* (ecobatímetro ou ecossonda) encontra-se uma estrutura narrativa diferente das demais obras literárias, pois ela não possui nenhum caráter ficcional e valorizam-se as testemunhas da Segunda Guerra Mundial, assim como seus diferentes pontos de vista do mesmo acontecimento para, assim, oferecer ao leitor uma visão panorâmica da guerra. Para relacionar a obra *Das Echolot. Barbarossa '41* à memória coletiva, a estrutura narrativa de *Das Echolot* como um todo será apresentada e em seguida haverá uma breve explicação sobre a memória coletiva e memória cultural.

### 1 O projeto *Das Echolot*.

Os dez volumes de *Das Echolot*<sup>2</sup>, de Walter Kempowski, formam um diário coletivo que reúne entrevistas, cartas, documentos oficiais, trechos de diários, de discursos políticos, etc. Os autores desses textos são dos mais variados: soldados, políticos, mães, judeus, esposas e maridos, escritores, médicos e enfermeiros, membros do partido da URSS, estudantes, etc. O que todos têm em comum é a experiência de viver durante a Segunda Guerra Mundial, e cada texto acrescenta um relato ou opinião sobre o que vivem. Seus autores não se encontram somente na Alemanha, mas também nos Estados Unidos, na União Soviética, e em outros países envolvidos na Segunda Guerra Mundial.

Kempowski reuniu estes textos de seu arquivo pessoal, mas também de livros publicados e documentos que hoje se encontram em instituições públicas. As fontes bibliográficas se encontram nos anexos, assim como, quando possível, dados biográficos de cada um cujo texto foi reproduzido.

Os textos aparecem em ordem cronológica, separados por datas, que aparecem como títulos no alto da página. Ao lado esquerdo da data localiza-se o número de dias que já dura a guerra, e à direita quantos faltam para que termine. Mais abaixo, como epígrafe, há uma citação bíblica selecionada pela irmandade de Herrnhut dos dias em questão. Essa irmandade, originalmente, seleciona um trecho da Bíblia por dia para colocá-los em calendários, como se fosse uma inspiração para o dia.

Kempowski inclui em cada dia um número de textos e oferece ao leitor diversos pontos de vista não só sobre o mesmo período histórico, como também de um mesmo dia determinado pelo autor. Kempowski não é autor de nenhum dos testemunhos que se encontram em *Das Echolot*, ele trabalhou na montagem da obra, na seleção dos textos e sua sequência. A veracidade do que está nos textos é de responsabilidade da testemunha, e não de Kempowski e o leitor pode perceber muitas contradições entre os diferentes depoimentos. Essas contradições ocorrem não somente por falta de informação da população civil, mas também por acreditarem em mentiras difundidas para as massas, como o aviso de Hitler no dia 22 de junho de 1941, quando diz que houve uma invasão por parte da Rússia na Alemanha, quando na verdade o que ocorre é exatamente o contrário.

Estas contradições são importantes, pois pelo título da obra, *Das Echolot* (ecossonda) há a idéia de resgatar os ecos do passado para que a geração atual de alemães os ouça. Pensemos na seguinte imagem: o navio precisa de um sonar para captar as imagens que estão nas profundezas do mar, fora do alcance da visão. A ecossonda emite ondas sonoras que são projetadas no mar, conforme as ondas sonoras retornam ao sonar, forma-se a imagem do que está nas águas. O mesmo se passa com a sociedade alemã na virada dos séculos XX para XXI, ela precisa destas centenas de vozes para saber como a Segunda Guerra Mundial aconteceu, pois sabe o que está na superfície (os fatos históricos), mas não o que se encontra oculto pelo mar (os testemunhos pessoais). A obra *Das Echolot* tem a mesma função do aparelho, ou seja, visa mostrar o que houve e também o que não é narrado pelos fatos oficiais.

Ao cabo de todos os dias, há ainda um trecho de músicas populares bem conhecidas na época e, assim como as inspirações do dia, não possuem uma relação temática com a guerra. O efeito de choque no início e no fim de cada dia é grande, pois retirados de seus contextos originais e colocados com tantos textos de testemunho sobre a Segunda Guerra Mundial vê-se que destoam por completo da realidade. O que as mensagens bíblicas e as canções apresentam é o mundo desejado pelos ouvintes, em contraste com a realidade da guerra.

Ao longo de todo o livro também há fotos do arquivo pessoal de Kempowski, colecionadas durante anos por ele. Nem todas possuem explicações de exatamente onde e quando foram tiradas, mas são fotos pessoais que não se encontram nos livros de história. Foram tiradas por anônimos e apresentam diversos olhares do mesmo período histórico. Captam imagens do cotidiano da guerra, dos campos de batalha (antes ou depois), do caminho percorrido pelos soldados, das famílias por onde os soldados passavam, ou suas próprias famílias, etc.

Os eventos históricos não são explicados como em um livro de história, objetivamente. Também não são descritos os motivos para que se sucedessem os fatos. Os textos remetem aos fatos históricos, assim como aos acontecimentos que se davam no momento em que estes textos foram escritos pelas centenas de testemunhas no local em que se encontravam. O caráter pessoal dos textos remete diretamente ao caráter histórico.

Os textos que compõem a obra foram, em sua grande maioria, escritos nas datas em que estão inseridas, ou por volta dela. Sendo assim, não são memórias ou recortes biográficos. Os vários testemunhos em *Das Echolot* formam um diário coletivo, uma unidade que tem como objetivo a apresentação mais íntima de um momento histórico. Não existe uma narrativa aqui que contenha somente fatos históricos, a subjetividade do autor do testemunho também é revelada. O leitor pode compartilhar do sofrimento da testemunha em virtude da autenticidade das emoções. Mas o leitor sabe além do que o testemunho reproduz, ele possui o conhecimento histórico sobre a Segunda Guerra Mundial, assim como uma pequena biografia de cada testemunha da obra nos anexos. Mas

por mais que se estude a Segunda Guerra Mundial nos livros de história, não se sabe o cotidiano da população civil e dos soldados. Por meio de *Das Echolot* pode-se aproximar da experiência individual das testemunhas da guerra, e não apenas do testemunho feito por sobreviventes. Como “para o sobrevivente, a narração combina memória e esquecimento”<sup>1</sup> e está sujeita a alterações, o autor tenha talvez escolhido testemunhos que foram escritos durante a guerra, pois os fatos são recentes e não houve tempo de refletir sobre eles. Além disso, outras emoções são sentidas somente durante a guerra e são percebidas na leitura dos textos. Outro provável motivo para a escolha de textos escritos durante a guerra é a limitação do número de testemunhos que teria, se escolhesse somente relatos de sobreviventes para compor sua obra.

## **2 A memória coletiva.**

As lembranças de um indivíduo são subjetivas, seletivas e estão sujeitas a reconstruções, esquecimentos e até recalques. De acordo com Halbwachs<sup>2</sup> as lembranças individuais são formadas socialmente, pois dependem do contato social que o indivíduo possui com o resto do grupo. A memória nunca é puramente individual, e mesmo que o ser humano tenha tido uma experiência sozinho, ele possui características da sociedade em que vive que influenciam o modo como se lembra e o modo como compreende a experiência. As lembranças representam um momento que se tornou relevante, visto à luz da coletividade. Não basta então, apenas assistir ou vivenciar uma cena, pois os valores e pontos de vista com os quais o sujeito analisa a cena são sociais.

A relação entre memória individual e a comunicação do indivíduo com o grupo social resulta na memória coletiva. Cada uma das memórias depende da outra, pois são complementares: quando há lacunas ou esquecimentos na memória individual, ela pode se basear nos elementos da memória coletiva, e esta, por sua vez, abarca as memórias individuais, sem se confundir com elas. A memória coletiva guarda os fatos que aconteceram no passado, que ainda são relevantes para o grupo social ao qual ela pertence, com o objetivo de que as suas vivências não sejam esquecidas. Porém ela só retém o que está vivo em indivíduos isolados e se transfere na consciência desse grupo, e por isso a memória é seletiva e reconstitutiva à medida que novas experiências são vividas ou as opiniões sobre o que se viveu mudam. Não há somente uma memória coletiva, pois não existe somente um grupo social em uma sociedade, uma pessoa pode se identificar com vários grupos. O que se considera quando há uma identificação com um grupo social são as similitudes, e um indivíduo pode ter características em comum com grupos diferentes, não se incluindo somente em um.

A memória coletiva varia por sempre ser reformulada, por meio de reestruturações ou mudanças de pontos de vista do grupo. Pode haver várias versões para um mesmo fato, mas elas continuarão relevantes se ainda puderem ser vistas como um fato formador de identidade presente na memória coletiva. Halbwachs afirma:

A memória coletiva é uma corrente contínua de pensamentos que não tem nada de artificial, porque ela retém do passado só o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a guarda. Por definição, ela não ultrapassa os limites desse grupo. (HALBWACHS, 1997, p. 131).<sup>3</sup>

A história, por sua vez, forma um pólo oposto à memória coletiva. Para Halbwachs (1997: 135, 136), a história é universal e “a história é uma e pode-se dizer que só há uma história”<sup>4</sup>. Não

<sup>1</sup> SELIGMANN-SILVA, M. “Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento”. In: SELIGMANN-SILVA, M. (org.) *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Editora Unicamp. Campinas, 2003.

<sup>2</sup> HALBWACHS, M. *La mémoire collective*. Éditions Albin Michel, 1997.

<sup>3</sup> “C’est un courant de pensée continu, d’une continuité qui n’a rien d’artificiel, puisqu’elle ne retient du passé que ce qui en est encore vivant ou capable de vivre dans la conscience du groupe qui l’entretient. Par définition, elle ne dépasse pas les limites de ce groupe.”

<sup>4</sup> “L’histoire est une et l’on peut dire qu’il n’y a qu’une histoire.”

existem múltiplas histórias como memórias coletivas, os eventos históricos são escolhidos e classificados, de acordo com as regras e necessidades da sociedade. A história também divide o tempo em períodos e séculos, ao contrário da memória coletiva, que não tem uma clara divisão do tempo, pois possui uma continuidade temporal. Além disso, a história não lida com acontecimentos rotineiros e repetitivos, a memória coletiva, no entanto, sim, pois a rotina e a repetição fazem parte da vida de qualquer grupo social. Na verdade a memória coletiva provoca a incorporação de atos na vida rotineira de um grupo social. Como a história tem seus fatos escolhidos e datados, não há necessidade de se verificar atos rotineiros, mas sim o que foi marcante.

A formação da identidade de um grupo social não é feita pela sua história, mas sim pela memória coletiva sobre as experiências vividas, sejam elas rotineiras ou não, pois estão mais presentes na consciência do grupo. Mesmo que as opiniões sobre estas vivências mudem com o passar do tempo, existirão novos elementos que formarão a memória coletiva, devido à constante transformação que sofre ao longo do tempo. O interesse da história, por sua vez, é científico, e para um historiador, tanto o passado quanto o presente são importantes, no entanto o objetivo maior é a sua análise.

Para Aleida e Jan Assmann, a memória coletiva origina dois tipos de memória: uma delas é a comunicativa, realizada pela interação oral entre os membros de um grupo. Por ser oral, a experiência narrada pela testemunha se mantém durante o tempo em que está viva. Quando um acontecimento vivenciado pelo grupo social permanece relevante, mesmo após um longo período, a memória comunicativa torna-se cultural, o segundo tipo de memória coletiva. A memória cultural é expressa por meio de símbolos deste acontecimento, ou seja, ritos, festas, canções, monumentos. Há uma interrelação entre memória comunicativa e cultural, pois uma depende da outra para não ser esquecida: somente com a comunicação e permanência da relevância do acontecimento no grupo ele poderá se tornar símbolo. Com o passar do tempo, se este acontecimento perde sua importância, tanto na comunicação entre os membros do grupo, quanto culturalmente, ele poderá ser esquecido.

Ao utilizar a mídia escrita como a literatura, por exemplo, a narração perde seu caráter de memória comunicativa e passa a ser um elemento da memória cultural, pois assim como um monumento ou um rito, também possui uma representação simbólica de um acontecimento.

A forma como a coletividade armazena as lembranças pode se manifestar em atos de lembrança coletiva. Sobre estas manifestações, Erll (2003: 176) afirma que “**as culturas de memória** são as manifestações histórica e culturalmente variáveis da memória coletiva”<sup>5</sup>. As formas como os símbolos são representados pela coletividade se transformam, assim como a memória coletiva. Existem diferentes culturas de memória (*Erinnerungskultur*) em uma mesma sociedade, pois os indivíduos podem se identificar com várias delas. Cada sociedade apresenta diversas memórias coletivas que coexistem e podem ser concorrentes. Por meio de atos comemorativos de cada cultura de memória, a memória coletiva pode ser observada e analisada.

A literatura, sendo uma mídia escrita, faz parte da memória cultural por apresentar em seu conteúdo elementos culturais da sociedade. Porém a literatura não se define apenas como meio de manifestação da memória cultural e da cultura comemorativa, ela pode ser portadora da memória funcional e ainda conter elementos da memória depósito. Por um lado Halbwachs distingue a memória coletiva da história, como assim explicado e Aleida Assmann, por sua vez, distingue a memória funcional (*Funktionsgedächtnis*) da memória depósito (*Speichergedächtnis*) ao descrever processos de ativação da memória e do esquecimento. A primeira é o que ela chama de memória habitada. São elementos significativos que são configurados em uma história coerente. Ela se mostra através da relação com o grupo, seletividade, ligação de valor e orientação para o futuro. Também contribui para a formação da identidade ou a legitimação da sociedade vigente. Assemelha-se à definição da memória coletiva, feita por Halbwachs. A memória depósito é composta de elementos significativos neutros que não têm relação vital com o presente. Ela serve de

---

<sup>5</sup> “**Erinnerungskulturen** sind die historisch und kulturell variablen Ausprägungen von kollektivem Gedächtnis”.

reservatório da memória funcional futura e renova o saber cultural. Os elementos da memória depósito podem se transformar em memória funcional caso adquiram um sentido maior na sociedade, sendo assim, existe a possibilidade de mudança e renovação dos conteúdos dos níveis culturais. A memória depósito está em transformação, à medida que surgem novos elementos significativos na memória funcional.

A literatura faz parte da memória cultural, ela tem um “papel ativo na modelagem de auto-imagens nacionais e valores e normas coletivos [...]” (ERLL e NÜNNING, 2005: 187)<sup>6</sup>. Por pertencer à mídia escrita, a literatura pode ser lida e relida por diferentes gerações, em diferentes culturas. A partir de diferenças de tempo e espaço em relação à obra em que os leitores se encontram, a obra literária pode ter diferentes interpretações e sentidos para a sociedade, pois a memória coletiva de quando se interpreta a obra é diferente de uma época para outra, assim como de um lugar para outro. Os valores culturais válidos para determinada época e local estão representados na literatura e pelo modo como a memória coletiva é apreendida pelo autor, o discurso cultural é variável, como mostram Erll e Nünning:

Por isso nossa tese, que a literatura é um meio potencializado da cultura de memória, um meio que pode, pois, conter por meio de especificidades e privilégios de seu sistema simbólico, produzir mais – ou, no mínimo, outros – aspectos que outros meios de memória. Obras literárias realizam, através de sua relação com diferentes discursos culturais, através de procedimentos poéticos da encenação da memória coletiva e finalmente através das possibilidades diversas de apropriar-se do passado cultural, funções centrais para a construção social de memória e lembrança. (ERLL & NÜNNING, 2005, p. 190).<sup>7</sup>

A literatura possui, além de outras, uma função social, pois a obra se insere em um grupo social com referências culturais e históricas desde o momento em que o autor a escreve. A forma narrativa escolhida pelo autor é um dos determinantes do sentido que a obra terá para o grupo social, o que por sua vez tem relação com o efeito histórico que a obra causará nos leitores. A forma como a obra é apresentada é importante para sua recepção, pois se percebe, assim, o lugar que ela terá junto à memória cultural do grupo. Ainda merece atenção o estudo da relação entre literatura e memória cultural, bem como suas funções.

### **3 *Das Echolot* e a memória coletiva.**

Sobre a seleção de textos de Kempowski para compor *Das Echolot*, pode-se em um primeiro momento defini-la como caótica, por conter testemunhos de muitos tipos sociais: mulheres, crianças, soldados de diversas frentes, intelectuais, etc. Mas existe uma organização neste panorama de testemunhos que conduz o leitor à simultaneidade dos eventos, cuja impressão é criada pela organização da obra em diversas datas e “espaços”. Cada testemunha oferece sua perspectiva ao leitor, que por sua vez, por meio do conjunto de perspectivas pode tentar criar uma visão sobre o dia em questão: o que ocorre na frente de batalha alemã, na frente russa e com os judeus, por exemplo.

Mesmo com a ausência de comentários do autor, Kempowski se faz presente no texto pela montagem. O leitor deve interpretar esse panorama e com a forma da montagem, o leitor tenta chegar à “verdade”, ao centro do que realmente ocorreu.

---

<sup>6</sup> “Sie [Literatur] spielt eine aktive Rolle bei der Modellierung nationaler Selbstbilder und kollektiver Werte und Normen[...]”

<sup>7</sup> “Unsere These ist daher, dass Literatur ein potenziertes Medium der Erinnerungskultur ist, ein Medium also, das durch Spezifika und Privilegien seines Symbolsystems in vielfacher Hinsicht mehr – oder zumindest anderes – leisten kann als andere Gedächtnismedien. Literarische Werke erfüllen durch poetische Verfahren der Inszenierung von Kollektivgedächtnis und schließlich durch die vielfältigen Möglichkeiten der kulturellen Aneignung zentrale Funktionen für die gesellschaftliche Konstruktion von Gedächtnis und Erinnerung.”

No volume *Barbarossa '41* há uma ordem determinada pelo autor, utilizada todos os dias narrados. Há vários “espaços de textos”, ou seja, os diferentes “tipos” de autores dos testemunhos são separados por um asterisco, mas não explicitamente.

Os primeiros textos são de autores conhecidos (escritores, políticos, filósofos, etc.) que se encontram fora da Alemanha, sendo assim, têm uma visão exterior aos acontecimentos da guerra. No segundo “espaço” às vezes encontram-se textos de políticos alemães, ou são de pessoas destacadas na Alemanha, que lá se encontram. O “espaço” seguinte é dedicado aos textos de alemães que se encontram na frente de batalha e abaixo os russos, primeiramente os soldados e depois os civis. Por fim, temos o “espaço” dos judeus. Mesmo com a organização espacial, não há uma ordem fixa de autores dos textos ou um número determinado deles em cada “espaço”. Não se trata de uma ordem que vá da testemunha mais significativa para a menos significativa, ou o contrário. Todos os testemunhos têm a mesma função e o mesmo valor ao apresentar o que acontece no período em questão.

Há uma tensão crescente à medida que se avança na leitura, em cada dia da obra, em razão da estrutura dos testemunhos, pois no primeiro “espaço” a guerra é narrada com pontos de vista exteriores à guerra, e quando se prossegue, os espaços vão se estreitando mais para dentro da guerra, culminando com o “espaço” dos judeus. Essa tensão criada com a leitura do dia diminui com a canção que se encontra por último, após ler testemunhos sobre a guerra, especialmente sobre os judeus mortos em Auschwitz, o leitor sente um choque, o que diminui a tensão. Há uma dinamicidade entre a tensão crescente e o relaxamento, pois depois de cada dia segue-se outro com a mesma estrutura.

Cada indivíduo tem sua perspectiva da guerra, mas ele não está sozinho no seu grupo. Com exceção dos judeus, que pouco aparecem. Em *Barbarossa '41* geralmente há só o testemunho de Adam Czerniaków do gueto de Varsóvia e a contagem de Danuta Czech, do campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, sobre quantos judeus chegam e quantos são mortos diariamente. Para Damiano (2005: 31-32), a ausência de textos escritos por judeus e/ou sobre judeus reafirma a mentalidade do passado dos alemães. Como os judeus foram silenciados e tirados de todos os níveis sociais, o mesmo acontece na obra. Por isso, apesar da ausência de judeus em *Das Echolot*, a sua presença seria sentida. O fato de haver um texto apenas com números sobre mortes em um dos campos de concentração torna maior a impressão que esta ausência de depoimentos de judeus causa. Recria-se no leitor, em proporção bem menor, a culpa sentida pelos alemães após a guerra.

O volume *Das Echolot. Barbarossa '41* é dividido em duas partes: a primeira vai de 21 de junho de 1941 a 7 de julho do mesmo ano. Há depois destes dias um texto intermediário (*Zwischentext*), que se trata de um relato mais longo de um sobrevivente. A segunda parte compreende os dias 7 a 31 de dezembro de 1941. No fim desse ano, vários eventos históricos ocorrem em relação à guerra: o Japão entra na guerra ao atacar Pearl Harbor, e como consequência, os Estados Unidos se tornam Aliados. Com o inverno russo, a guerra relâmpago fracassa e Hitler demite seus comandantes, assumindo o controle das frentes.

O texto intermediário (*Zwischentext*) é de autoria de Albin Eisenstein, que narra suas experiências ao ser deportado com a família do norte da Bucovina, região situada atualmente na Romênia e na Ucrânia, para a Sibéria pelo governo soviético. Esta deportação ocorreu entre junho e julho de 1941. Eisenstein não sabe o motivo pelo qual foi deportado. Com este depoimento, tem-se o texto de um sobrevivente e trata-se de um testemunho sem cortes e mais longo.

Com o panorama de testemunhos, pode-se crer que a memória coletiva alemã está atenta aos fatos reais e busca-se conhecer o sentimento humano que havia na guerra. Por não conhecerem o futuro, os autores mostram seus sonhos, expectativas e esperanças e o leitor pode se basear somente nas datas que aparecem dos anos de nascimento e morte de cada autor ou na pequena biografia de cada um nos anexos, quando há. Assim como alguns falam sobre a guerra, outros falam de temas que não têm relação alguma com o evento histórico presente. O volume *Barbarossa '41* tem como primeiro testemunho de Gide a descrição meteorológica do dia, por exemplo. Tais textos podem

parecer de autores alheios à realidade ou irônicos, mas na verdade aparecem entre textos que tratam da guerra, como uma rápida pausa para mudança de foco e em seguida tratar novamente da guerra.

O êxito de *Das Echolot* se deve também pela forma como são apresentados os testemunhos, buscando aproximar-se ao máximo do humano e da realidade, sem comentários e deixando a interpretação a cargo dos leitores e também a possibilidade que os leitores de todas as gerações têm em poder ler a obra, para tentar entender o que houve e como houve tamanha destruição. Kempowski dirige a atenção dos alemães a este período histórico sem se ater somente a fatos históricos.

Assim, com sua mistura de caráter humano e factual, a obra apresenta diferentes grupos sociais marcados pelos “espaços” organizados por Kempowski e que têm em comum a experiência de viver durante a Segunda Guerra Mundial. O público para o qual a obra se destina é tanto aqueles que participaram da Segunda Guerra Mundial e sobreviveram a ela, como também às gerações posteriores à guerra, que podem compreender com mais detalhes o que houve com seus antepassados. Como exemplo de um sobrevivente, Günter Grass afirma em sua autobiografia:

Mesmo que uma culpa ativa não me pudesse ser creditada, até hoje sobrou um resto não desgastado de algo, que é chamado de um modo demasiado corrente de co-responsabilidade. Viver com isso é certo que eu terei, nos anos que ainda me restam. (GRASS, 2006:102).

Há uma culpa coletiva que paira sobre os participantes da guerra e fazem com que evitem falar sobre ela, por terem sido seduzidos pelo nazismo e colaborado os acontecimentos dessa época. Por parte de seus descendentes, há uma vontade de compreender parte de um passado que se faz ainda presente na memória de todos.

## **Conclusão**

O diário coletivo de Walter Kempowski não se caracteriza, certamente, como sendo um livro de História, mas o que lhe garante tamanha repercussão é que se trata de uma obra sobre histórias de pessoas que viveram durante a Segunda Guerra Mundial.

Os fragmentos e fotos que compõem a obra por meio da montagem têm como objetivo trazer ao leitor mais informações sobre a guerra, mas não de forma impessoal, como em livros historiográficos. Busca-se o lado humano da guerra em relatos majoritariamente pessoais, ou seja, que a princípio não eram destinados à publicação ou à leitura de terceiros. *Das Echolot* atraiu o público justamente por expor a intimidade de centenas que viveram durante um período ainda presente na memória coletiva alemã.

Sendo a forma como a obra é apresentada muito importante para sua recepção, a ausência de um narrador em *Das Echolot* contribui para que o leitor chegue à sua idéia, mas o autor, a partir de como organizou a montagem da obra e a separação dos testemunhos em “espaços” temáticos **conduz** o leitor a essa idéia individual, não apenas uma específica: incita-se a reflexão sobre a Segunda Guerra Mundial tendo como base o conhecimento histórico do leitor e os testemunhos de todos que compõem a obra.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] DAMIANO, C. *Walter Kempowski's Das Echolot. Sifting and Exposing the Evidence via Montage*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter Heidelberg, 2005.
- [2] ERLI, A. & NÜNNING, A. “Literatur und Erinnerungskultur. Eine narratologische und funktionsgeschichtliche. Theorieskizze mit Fallbeispielen aus der britischen Literatur des 19. und 20. Jahrhunderts”. In: OESTERLE, G. (org.) *Erinnerung, Gedächtnis, Wissen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2005.

- [3] ERLI, A. "Kollektives Gedächtnis und Erinnerungskulturen". In: NÜNNING, A. & NÜNNING, V. (org.) *Konzepte der Kulturwissenschaft*. Stuttgart, Weimar: Verlag J.B. Metzler, 2003.
- [4] GALLE, H. "Las voces de los escritores en Echolot de Kempowski: Innere und äußere Emigration desde la perspectiva de la memoria colectiva." In: XIV Jornadas nacionales de literaturas en lengua alemana, 2007, Buenos Aires. Anuário Argentino de Germanística. Buenos Aires : Asociación Argentina de Germanística, 2006. v. III. p. 299-307.
- [5] \_\_\_\_\_. "Memoria colectiva en Alemania: la Segunda Guerra y la literatura". Presentado en el Simposio "Testimonio, Memoria e Historia", 24 – 28 de octubre, Cátedra Humboldt, Universidad de Costa Rica. Publicaciones de la Cátedra Humboldt. Prorectoría de Investigación, Universidad de Costa Rica, San José. 21 páginas. 2006.  
<http://lorien.vinv.ucr.ac.cr/catedrahumboldt/>
- [6] \_\_\_\_\_. "La representación literaria de la guerra: de la ficción al archivo de testimonios. La obra Ecosonda de Walter Kempowski." In: Reescrituras de la memoria social. II Congreso Internacional de Filosofía de la Historia, 2008, Buenos Aires. Reescrituras de la memoria social. II Congreso Internacional de Filosofía de la Historia. Buenos Aires : Facultad de Filosofía de la UBA, 2008. p. 1-12.
- [7] GRASS, G. *Nas peles da cebola. Memórias*. Trad: BACKES, M. Rio de Janeiro: editora Record, 2007.
- [8] HALBWACHS, M. *La mémoire collective*. Paris: éditions Albin Michel, 1997.
- [9] KEMPOWSKI, W. *Das Echolot. Barbarossa '41. Ein kollektives Tagebuch*. München: btb, 2002.
- [10] SELIGMANN-SILVA, M. "Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento". In: SELIGMANN-SILVA, M. (org.) *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: editora Unicamp, 2003.

---

## **Autor**

<sup>1</sup> **Claire Parot de SOUSA, Mestranda em Literatura Alemã**  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas ( FFLCH-USP)  
Departamento de Letras Modernas.

<sup>2</sup> Os volumes de Kempowski se dividem nos seguintes títulos:  
*Das Echolot. Ein kollektives Tagebuch. Januar und Februar 1943* (1993).  
*Das Echolot. Fuga Furiosa. Ein kollektives Tagebuch. Winter 1945* (1999).  
*Das Echolot. Barbarossa '41. Ein kollektives Tagebuch* (2002).  
*Das Echolot. Abgesang '45. Ein kollektives Tagebuch* (2005).